

O CALOR DA HORA: A PRESENÇA DA NOVA ESQUERDA NA DEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL (1975-1995)

Florian Walter¹, Luiz Felipe Falcão²

¹ Acadêmico do Curso de História – FAED/UDESC - bolsista PROBIC/UDESC

² Orientador, Departamento de História, Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED, Universidade do Estado de Santa Catarina/ UDESC. E-mail: luiz.felipe@mailcity.com.

Palavras-chave: História do Tempo Presente, Nova Esquerda, democratização.

O trabalho de pesquisa se concentrou no acervo da revista semanal *Veja*, publicada desde 1968 até os dias de hoje em São Paulo e com ampla distribuição nacional, com foco nas edições da segunda metade da década de 1970 em que aparecem menções ao movimento estudantil. No semanário, a cobertura voltada para esse tema englobou, em muitos momentos, a União Nacional dos Estudantes, UNE, tendo em vista o destaque dessa entidade enquanto principal representante dos estudantes em termos de Brasil e, em especial, à evidência de que ela era dirigida por perspectivas de esquerda durante todo esse tempo (o que, por óbvio, contrastava com a linha editorial do semanário). Todavia, aparentemente, o interesse da revista pelo tema oscilou de um relativo silêncio no período imediatamente anterior ao estudo, ou seja, a primeira metade da década de 1970, a um gradativo foco maior na medida em que as mobilizações estudantis alcançavam maiores proporções e, em especial, na esteira do processo de enfraquecimento e desagregação da ditadura que infelicitava o país desde o golpe de Estado de 1964, processo este no qual o movimento estudantil manteve relativo destaque até o advento das grandes manifestações operárias na forma de greves, enfrentamentos com os órgãos repressivos em ambientes públicos como ruas, praças, etc., eleições sindicais e articulações para a criação de partidos políticos e centrais sindicais.

No que se refere exclusivamente aos estudantes e ao seu movimento, a revista não se detém muito em análises mais aprofundadas, nem tampouco explora mais à fundo suas relações com manifestações culturais inspiradas, entre outras coisas, pela contracultura, dedicando-se quando muito a noticiar uma ou outra mostra artística ou apresentação musical (bandas como “Língua de Trapo” e “Premeditando o Breque”, por exemplo, bastante conhecidas no cenário das mobilizações estudantis no Estado de São Paulo, são praticamente ignoradas pela publicação em todas as suas edições). Quando muito, a revista aborda, ainda que de passagem, elementos e/ou referências comportamentais, muito de acordo com o perfil assumido por ela desde seu surgimento.

Por fim, um fator que ainda não foi possível levar a uma conclusão mais certa e aprofundada diz respeito à possibilidade do interesse difuso do semanário pelos estudantes e pelo movimento estudantil estar relacionado ao fato de que a sua composição social, formada em grande parte por pessoas das camadas médias da sociedade brasileira, corresponder, mesmo que

parcialmente, ao público leitor (assinantes, compradores em banca, etc.) da revista, tornando impossível ignorar sua existência e colocando obstáculos a uma avaliação meramente negativa.